

Do tambor ao satélite

Educação

O GLOBO

06 MAI 1998

ARNALDO NISKIER

Há alguns oportunistas de plantão que estão descobrindo a pólvora em matéria de educação à distância. O assunto vem de longe, no Brasil pelo menos desde 1971, com Jarbas Passarinho e Newton Sucupira no Ministério da Educação.

Historicamente, a modalidade pode ter mais de 500 anos, pois os nossos índios, quando se comunicavam por tambor, certamente exercitavam uma forma de transmissão que tinha características pedagógicas. O médico Irany Novah Moraes contou-me que, em 1974, era presidente da Televisão Educativa da USP. Esteve na cidade americana de Nevada, nos Estados Unidos, em companhia do então reitor Orlando Marques de Paiva, para as comemorações dos 50 anos do rádio educativo dos Estados Unidos.

Na ocasião, foi-lhe apresentado o programa de ensino à distância para os 850 mil índios que ainda restavam nas Montanhas Rochosas. Um satélite para edu-

cação à distância passava duas vezes ao dia. Os índios, com o maior interesse, assistiam às aulas pela TV e tiravam suas dúvidas pelo rádio.

No Canadá, que visitei para estudos, o fenômeno se repetiu e hoje a Schoolnet faz o maior sucesso, utilizando o satélite doméstico de telecomunicações para a educação à distância. Assim foi grandemente valorizado o trabalho das escolas técnicas, implantando-se os cursos pós-secundários, como se pretende realizar no Rio de Janeiro. O Canadá faz isso há 20 anos, com o maior sucesso, sendo os seus técnicos bastante disputados pela sociedade, graças à qualidade com que são colocados no mercado.

Há sistemas poderosos na Austrália e na Inglaterra, onde viceja, servindo de modelo a outros países, a bem-sucedida Open University, hoje com cerca de 200 mil alunos, depois de um início desconfiado. O segredo do seu êxito? Contou-me pessoalmente o seu diretor, em Londres: "Qualidade nas aulas elaboradas e rigor nos exames."

E no Brasil, além da fúria legiferante? As experiências oficiais não entusiasmam, sendo muito mais provável que bons resultados provenham de iniciativas como a Rede Futura, já espalhada por todo o nosso imenso território — e com uma gestão competente.

O Plano Nacional de Educação, que se encontra no Congresso Nacional, prevê o credenciamento das instituições que ministram cursos à distância com direito a certificação. Os exames e o registro de diplomas também serão regulamentados (espera-se que tudo passe pelo Conselho Nacional de Educação), a fim de que se assegurem a qualidade do ensino ministrado e a correção absoluta nos procedimentos indispensáveis à preservação da seriedade com que a modalidade precisa ser tratada.

O Decreto nº 2.494, de 10 de fevereiro de 1998, conceituou o que se entende

por educação à distância: é uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação.

... bons resultados provenham de iniciativas como a Rede Futura

que não poderá prescindir dos exames oficiais, com a presença física dos alunos. Não é modalidade própria para "fantasmas", em nenhuma hipótese.

Embora exista a previsão legal de em-

prego da metodologia em todos os graus de ensino, há uma primeira ênfase com o ensino superior, recomendando-se que o credenciamento só seja feito se a instituição já for autorizada como entidade de ensino superior, mantendo pelo menos um curso reconhecido. As notas do provão devem ser consideradas, ao lado da qualificação docente e da infra-estrutura de tecnologias educacionais, valorizando-se a interação. E sugere-se a limitação a uma ou mais áreas específicas do conhecimento, em que a instituição mantenha cursos regulares reconhecidos e de bom conceito.

Logo se perguntará: o que se entende por "tecnologia interativa"? Modernamente, são os instrumentos facilitadores da criação de um ambiente virtual em que professores, especialistas e alunos podem construir, de maneira crítica, o conhecimento e a aprendizagem. É tudo com o que se sonha.

ARNALDO NISKIER é presidente da Academia Brasileira de Letras.